



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

KALLYANE BERNARDINO DE FREITAS

DIVERSIDADE ÉTNICO- RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR:
Percepção e atuação de professoras de uma escola municipal na cidade de
Campina Grande/PB

JOÃO PESSOA- PB

2019

KALLYANE BERNARDINO DE FREITAS

**DIVERSIDADE ÉTNICO- RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR:
Percepção e atuação de professoras de uma escola municipal na cidade de
Campina Grande/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Idelsuite de Sousa Lima

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F866d Freitas, Kallyane Bernardino de.

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR:

Percepção e atuação de professoras de uma escola
municipal na cidade de Campina Grande-PB / Kallyane
Bernardino de Freitas. - João Pessoa, 2019.

48 f. : il.

Orientação: Idelsuite de Sousa Lima, Nathália Fernandes
Egito Rocha.

Coorientação: Nathália Fernandes Egito Rocha.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Diversidade étnico-racial. 2. Prática pedagógica. 3.
Formação docente. I. Lima, Idelsuite de Sousa. II.
Rocha, Nathália Fernandes Egito. III. Título.

UFPB/BC

KALLYANE BERNARDINO DE FREITAS

**DIVERSIDADE ÉTNICO- RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR:
PERCEPÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 10/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Idelsuite de Sousa Lima
Prof^a. Dr^a. Idelsuite de Sousa Lima - (Orientadora)

Nathália Fernandes Egito Rocha
Prof^a. Dr^a. Nathália Fernandes Egito Rocha (Co-Orientadora)

Francisco Alex Pereira Soares
Prof. Ms. Francisco Alex Pereira Soares

Dedico a Deus primeiramente por sempre me dar forças, para não desistir da caminhada, e também ao meu filho Kauan a quem quero dar muito orgulho e principalmente a minha mãe Teresinha Araújo de Freitas que nunca me deixou desistir, apesar de não está mais entre nós, mas dedico tudo que sou e serei a esta grande mulher guerreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre comigo me dando forças para não desistir da caminhada, e a nossa senhora por sempre interceder por mim junto ao pai do céu nos momentos mais difíceis, e é com a graça de Deus que eu vou vencer e concluir mais uma etapa tão esperada da minha vida;

Ao meu esposo Ubiratan da Silva que me ajudou bastante na questão de deslocamento até o polo;

Ao um colega que conheci e que me indicou o curso a distância da Universidade Federal da Paraíba;

Aos colegas de turma, em especial Miriam que sempre esteve disponível a compartilhar informações sobre o curso.

À professora e co-orientadora Nathalia Fernandes Egito Rocha por me ajudar constantemente em cada detalhe na construção do meu TCC com muita dedicação, paciência.

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram”.
(Jean Piaget)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma investigação qualitativa sobre a diversidade étnico-racial no ambiente escolar, analisando a percepção e atuação de um grupo de professoras do primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Pública Municipal, situada no município de Campina Grande, Estado do Paraíba. A diversidade étnico-racial é um tema transversal de grande relevância e que exige maior aprofundamento de investigação e análise sobre sua presença nos espaços escolares. Esta é uma temática que advém de lutas e reivindicações em especial do movimento negro, buscando mais valorização e respeito por parte da sociedade, como também lutando por uma educação antirracista. A presente pesquisa teve como objetivo central, analisar de que forma as professoras trabalham a questão da diversidade étnico-racial em uma escola municipal. Partimos do seguinte questionamento: Qual a percepção das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em relação ao ensino das relações étnico-raciais no ambiente escolar? Fundamentamo-nos teoricamente em autores como Gomes (2011) Candau (2008) e Melo (2016). Tivemos como sujeitos da nossa pesquisa a equipe de professoras das turmas do 1º e 2º ano do turno da tarde. Para coleta de dados foi aplicado um questionário com perguntas para averiguação de como as professoras trabalham esta questão em sala de aula. Os resultados indicam que a maioria das professoras pesquisadas sentem dificuldades no que tange o trabalho do tema em sala de aula. Destacamos como principais resultados o desconhecimento em relação à temática e a legislação competente por parte das docentes investigadas, ausência do tema em formações docentes continuadas e desenvolvimento de projetos coletivos na escola.

Palavras-chave: Diversidade étnico-racial. Prática pedagógica. Formação docente.

ABSTRACT

This work presents a qualitative research on ethnic-racial diversity in the school environment, analyzing the perception and performance of a group of first and second year primary school teachers, a school of the Municipal Public Network, located in the municipality of Campina Grande, State of Paraíba. Ethnic-racial diversity is a cross-cutting theme of great relevance and requires further investigation and analysis of its presence in school settings. It is a theme that comes from struggles and demands especially from the black movement, seeking more appreciation and respect from society, as well as fighting for an anti-racist education. The present research had as its central objective, to analyze the question of ethnic-racial diversity in a municipal school. We start from the following question: What is the perception of the teachers of the initial years of elementary school in relation to the teaching of ethnic-racial relations in the school environment? We base ourselves theoretically on authors such as Gomes (2011) Candau (2008) and Melo (2016). We had as subjects of our research the team of teachers of the classes of the first and second year of the afternoon shift. For data collection was applied a questionnaire with questions to inquire how teachers work this issue in the classroom. The results indicate that the majority of the teachers studied have difficulties with the work of the theme in the classroom. We highlight how main results the lack of knowledge about the theme and the competent legislation by the investigated teachers, absence of the subject in continuing teacher training and development of collective projects in the school.

Palavras-chave: Ethnic-racial diversity. Pedagogical practice. Teacher training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL.....	16
2.1 Conceito de diversidade étnico-racial e sua importância de ser abordada tratando da pluralidade na escola.....	16
2.2 Legislação, Currículo e Formação Docente.....	21
3.0 ESCOLA, PROFESSORES E DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL: a análise dos dados da pesquisa.....	26
3.1 Identificação das professoras pesquisadas.....	26
3.2 Análise dos dados.....	27
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5.0 REFERÊNCIAS.....	41
6.0 APÊNDICE.....	45

1.INTRODUÇÃO

Neste trabalho monográfico trata da diversidade étnico-racial na escola. Este é um tema de suma importância tanto no que diz respeito ao ensino na escola quanto à sociedade como um todo. Através dos dados da Agência IBGE Notícias sobre moradores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2016, atualizado em fevereiro de 2019, vemos que o número de pardos autodeclarados cresceu 6,6% e o de pretos, 14,9%, chegando a 95,9 milhões e 16,8 milhões, respectivamente.

A temática da diversidade étnico-racial está relacionada ao processo de miscigenação. A miscigenação é a mistura de raças de diferentes etnias, neste caso a miscigenação no Brasil ocorreu entre o cruzamento do europeu com o índio e o africano. Sendo assim o Brasil é considerado um país miscigenado porque diferentes etnias colonizaram e residiram no país.

Isto implica dizer, que constituindo um número expressivo da população brasileira, os negros são determinantes na construção da identidade cultural brasileira. No entanto, por séculos a significação de negro foi relacionada ao sentido pejorativo de trabalho escravo, onde a formação econômica desse país dependeu basicamente da mão de obra escrava negra, tendo como a sua principal contribuição a formação histórica, econômica e cultural.

A questão da valorização da diversidade étnico-racial na sociedade ainda é um desafio a ser superado, sobretudo nas instituições escolares de ensino. Trata-se de uma reflexão propositiva e não apenas de uma data comemorativa como o dia 20 de novembro referente ao dia da consciência negra.

O interesse em estudar esse tema surgiu a partir de minha inserção no estágio da escola campo, observando que muitas crianças ainda sofrem preconceitos devido a sua cor da pele. Assim, considero de suma importância trabalhar o ensino das relações étnico-raciais dentro e fora da sala de aula, pois é o espaço que promove diálogo e socialização, trocas de ideias e conhecimento a respeito da cultura africana e a diversidade étnico-racial.

No dia a dia das escolas, percebe-se um discurso preconceituoso por parte de alguns alunos, como também das próprias famílias das crianças, realidade essa que não deveria mais existir hoje em dia em nosso país.

Em virtude desta realidade ainda presente, julgamos necessário que seja desenvolvido e fortalecido os estudos em torno das relações étnico-raciais na escola, pois, a criança de etnia negra possui receio de se expor e de debater sobre suas origens achando que a mesma não teve nenhuma importância na sociedade, por sempre ter escutado informações tristes e negativas a respeito de sua etnia, causando assim um desprezo por não achar que sua cultura seja considerada, sobretudo, o preconceito racial arraigado em nossa sociedade.

Para que o ensino das relações étnico-raciais sobre história e cultura afro-brasileira tornasse obrigatório nos estabelecimentos de ensino, institui-se a lei de número 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003 alterando os artigos 26A, 79A, e 79B das diretrizes curriculares nacionais.

Apesar da existência da lei e do documento das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, essa é uma questão que necessita de maior aprofundamento e atenção, tendo em vista que desde a formação inicial do pedagogo estas abordagens sobre o ensino das relações raciais deveriam ser estudadas, para que os professores tenham subsídios para trabalhar o assunto.

Com base no que foi exposto, a presente pesquisa versará sobre a seguinte problemática: Qual a percepção das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, em relação ao ensino das relações étnico-raciais no ambiente escolar?

Com isso, a presente pesquisa teve como objetivo geral: analisar de que forma as professoras trabalham a questão da diversidade étnico-racial em uma escola municipal na cidade de Campina Grande. Com os seguintes objetivos específicos: analisar a visão das professoras sobre a diversidade étnico-racial; identificar as ações que são desenvolvidas pela docente referente à temática da diversidade étnico-racial na sala de aula; identificar as dificuldades que os professores enfrentam para abordar as relações étnico-raciais na escola.

O estudo da temática sobre diversidade étnico-racial tem grande relevância nos processos de ensino para o reconhecimento das identidades e valores. Pretendemos através desta pesquisa, contribuir, de forma significativa, para conhecer o tema sob o ponto de vista científico e expandir a visão sobre a luta e a contribuição do negro em nossa sociedade na perspectiva de dar origem a novos estudos na área.

A importância da pesquisa está centrada em verificar as concepções das professoras, a respeito de como está sendo o ensino das relações raciais no espaço escolar, com o fim de aprofundar e de ampliar essa atividade.

Para a realização desta pesquisa, optamos por utilizar a abordagem metodológica qualitativa da pesquisa. Como sendo, um tipo de investigação focada em um caráter exploratório na especificidade subjetiva do objeto analisado, entendendo o porquê de determinados comportamentos, ou seja, ela é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente. De acordo com Godoy (1995, pág. 62) “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”.

Isso significa que na pesquisa qualitativa o pesquisador possui um livre acesso no ambiente escolhido para desenvolver a pesquisa em questão, e os envolvidos ficam mais à vontade para exporem seus pontos de vista relacionados com o objeto de estudo.

Sob esta abordagem, iremos tomar como foco da nossa pesquisa a análise da percepção das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação ao ensino das relações étnico-raciais em uma escola municipal, situada na cidade de Campina Grande/Paraíba, no bairro da Catingueira.

A opção pela a pesquisa de campo se justifica por que é um tipo de pesquisa que traz o pesquisador para vivenciar de perto a realidade do objeto de estudo, e coletar dados referentes aos elementos analisados, com o objetivo de compreender e explicar o problema da pergunta pesquisa, observando e analisando a realidade dos fatos. Ainda segundo Godoy (1995, pág.63)

Os pesquisadores qualitativos tentam entender os acontecimentos que estão sendo estudados a partir da concepção dos participantes. Respeitando todas as opiniões relevantes, ou seja, este tipo de pesquisa desvenda as ocorrências externas que o lado de fora não consegue enxergar.

A pesquisa de campo possui considerável valor para a produção de um trabalho acadêmico científico, pois é uma maneira prática de levantamentos de dados para a contribuição do alcance cumprindo com os objetivos específicos propostos.

Nosso estudo foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Campina Grande no Estado da Paraíba que funciona os dois turnos, com seiscentos e oitenta alunos matriculados, do pré II ao sétimo ano do Ensino Fundamental. Conta com um corpo

docente de vinte e dois professores, uma diretora, com sua adjunta, uma supervisora, uma psicóloga, uma orientadora, uma assistente social, duas merendeiras, cinco funcionários e três vigias. Seu último IDEB foi de 3,9 em 2017.

Essa escola municipal está localizada na área urbana, próximo de mercados, restaurantes, panificadora, ponto de ônibus e academia. No geral, ela está situada em um bairro desenvolvido e organizado.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são quatro professoras que atuam no ensino fundamental I, que foram escolhidas por atuarem na área com experiência de mais de dez anos.

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma aplicação do questionário realizado através de uma visita a escola, com perguntas abertas e fechadas. Através desse instrumento foi possível coletar e analisar os dados. O questionário foi aplicado no mês de abril de 2019.

A elaboração do questionário teve como base algumas pesquisas anteriores sobre a diversidade étnico-racial no ambiente escolar, também com base em estudos de teóricos, os quais utilizaram questionários como instrumento de coleta de dados, tentando assim se aproximar ao máximo da realidade atual. O questionário, segundo Gil (1999, s/p) pode ser definido:

Como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

É através do questionário que sabemos o que realmente pensam as professoras a respeito do tema estudado sobre a diversidade étnico-racial, onde podem expressar os seus sentimentos e a sua preocupação sobre a temática estudada, sendo um método muito eficaz e em tempo real, que se encontra na íntegra nos apêndices do trabalho. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p.202)

O processo de elaboração é longo e complexo: exige cuidado na seleção das questões, levando em consideração a sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas. Os temas escolhidos devem estar de acordo com os objetivos geral e específico.

O questionário foi escolhido por ser uma estratégia de investigação social bastante compreendida, com possibilidades de respostas mais claras e objetivas,

deixando o entrevistado mais tranquilo podendo expor abertamente a sua opinião sobre o determinado tema de estudo. Segundo Parasuraman (1991, s/p) “construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplica tempo e esforço adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável [...]”.

Na elaboração das perguntas, procuramos investigar o conhecimento das professoras a respeito da sua percepção para o ensino das relações étnico-raciais no ambiente escolar do ensino fundamental, investigando de que maneira eles poderiam desenvolver atividades voltadas para este ensino.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo a introdução acompanhada dos procedimentos metodológicos. No segundo, uma caracterização teórica sobre diversidade étnico-racial a partir dos autores estudados, buscando compreender a inclusão desse estudo das relações e seus impactos no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas. No terceiro capítulo, apresentamos as análises das informações coletadas e os resultados alcançados na pesquisa e, por fim, as considerações finais que é a última parte do nosso trabalho.

2.0 DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ESCOLA: questões emergentes

2.1 Conceito de diversidade étnico-racial e sua importância de ser abordada tratando da pluralidade na escola.

Este trabalho sobre diversidade étnico-racial tem por base os estudos de Gomes (2011, pag.138) onde afirma que: “as ações afirmativas trazem em si uma nova pedagogia: a pedagogia da diversidade, a qual produz saberes”.

A partir do estudo citado, é necessário o estudo das relações étnico-raciais para uma educação democrática, que poderia auxiliar de argumento para o conhecimento na construção de valores.

A diversidade étnico-racial é uma miscigenação de várias raças, representadas pelo movimento do povo negro, através de suas raízes reconhecendo de forma positiva a sua cultura afrodescendente, e a sua valorização nos diversos segmentos da sociedade. Segundo Gomes (2002, pag.40) “o fato de sermos diferentes enquanto seres humanos e sujeitos sociais talvez seja uma das nossas maiores semelhanças”.

Ou seja, a miscigenação faz parte da cultura brasileira, nos tornando diferentes uns dos outros e é através destas diferenças que reconhecemos nossas identidades de valores.

Contudo, apesar de toda uma trajetória de lutas, infelizmente a cultura africana ainda é vista com negatividade por motivos históricos. Segundo o dicionário Aurélio (2001, pág.483) a palavra “negro”, no sentido figurado significa sombrio e lúgubre. São palavras com expressões estereotipadas que remetem desprezo em relação a cor e assim causando um tardio reconhecimento no processo de formação da identidade social. Gomes (2011, pág.149) afirma que:

A sociedade com personalidade negra sofre com o racismo, como sendo um mito da democracia racial que foi um processo construído historicamente, a cerca de qualquer processo de socialização entre os indivíduos.

Seguindo este pensamento acima se pode considerar um caminho longo a ser percorrido, para a total conscientização humana, mesmo tendo em vista que em qualquer ambiente deve ser exterminado qualquer tipo de discriminação ou injúria racial.

Rosa (2012, pag.34) menciona que:

As políticas de promoção da igualdade racial podem ser compreendidas como ações públicas ou privadas que visam o combate ao racismo e à discriminação racial, em todas as esferas da vida social, seja por meio de políticas universais, voltadas à população como um todo, seja por meio de políticas específicas voltadas aos grupos marginalizados e discriminados.

Existem algumas políticas de ação afirmativas ao combate do racismo, na intenção de garantir oportunidades para que grupos discriminados tenham acesso a vários setores sociais, afim de promover igualdade e um tratamento igualitário para todos que representam a classe negra.

Neste sentido, Moehleck (2002, pág. 198) também afirma que:

A ação afirmativa surge no período em que as leis segregacionistas atuais no país começaram a ser eliminadas, com a força e o apoio do movimento negro, e com líderes de influência nacional, amparados por pessoas progressistas brancos. Solicitando que o estado passe a garantir melhoramentos para a situação dos indivíduos de raça negra.

As leis segregacionistas impediam as pessoas da origem étnica-racial de desfrutar de seus direitos como cidadãos, separando-os uns dos outros, tendo como seu critério a “raça”. Sendo assim a ação afirmativa veio para revolucionar esse período, dando início a uma luta coletiva do movimento negro e de seus apoiadores liberalistas de raça branca.

Mas, mesmo com todas estas revoluções, a sociedade ainda possui barreiras de impedimento para que a população negra faça parte do convívio social sem que haja distinção pela a sua raça, deixando inferior a exercer funções importantes.

Silva et al. (sem ano, pag.5) lembra que na pesquisa do IBGE 2007.

A restrição dos afrodescendentes carimba a sociedade brasileira até os dias de hoje, onde os cargos de privilégios são muito difíceis ser ocupadas por negros, como também a sua escolaridade é mais baixa, e consequentemente não conseguirá ir muito longe.

Mediante essas informações, fica claro e evidente que necessitamos a cada dia obter informações relevantes sobre o ensino de história e cultura afro-brasileira, para que essa educação das relações étnico-raciais esteja intensamente inserida nas instituições de ensino.

É na escola o melhor espaço para ser discutido sobre as referidas questões, pois é um ambiente que promove socialização e oportunidades de debates entre alunos e professores.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - Pluralidade Cultural (pag.137)

A Pluralidade na escola oferece aos alunos oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiros e como participantes de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais.

A pluralidade inserida no âmbito escolar traz à tona as verdades, que muitas vezes escondidas e excluídas por não serem reconhecidas, proporcionando um maior entendimento por parte dos alunos afrodescendentes passando a valorizar as suas próprias identidades.

Para Marques (2014, pag.78).

As diferenças são construídas cotidianamente e utilizadas para discriminar as pessoas ou excluí-las da participação democrática, dos modos de produção, dificultando-lhes o acesso a melhores condições de vida. Essa negação do outro, do diferente, representa a face do racismo.

Ainda existem muitos equívocos a serem esclarecidos a respeito do movimento negro, pois há uma crença de que a manifestação sobre a questão racial não interfere nas escolas, ou seja, se restringe apenas as pessoas do movimento afrodescendentes e a seus estudiosos. Mas, Gomes (2011, pág.137) salienta que:

Apesar de todo este processo de movimentos dos negros, um ponto que merece destaque é que a todo instante dos progressos, os mesmos mantiveram todo um cuidado no levantamento para que a democracia atendessem a todos os fragmentos étnico-raciais. Lutando por uma educação não egocêntrica, mas sim pela a cidadania com respeito a todas as diferenças.

O autor destaca que todas as reivindicações e lutas do movimento negro, sempre foram pensando no coletivo dos mais que precisam de reconhecimento, trabalhando por uma educação igualitária e justa, desconstruindo ideias e conceitos pejorativos que levam ao racismo.

Rocha e Silva (2013, pag.73) acrescentam que:

A Educação Antirracista é também uma oportunidade para pessoas não negras refletirem sobre a diversidade étnico-racial presente no Brasil, uma vez que terão contato com as histórias da África e das culturas afro-brasileiras, antes excluídas dos currículos escolares e assim poderão obter conhecimento acerca da pluralidade cultural, uma das marcas da nossa sociedade.

O autor Silva *et al.* (sem ano, pag.6) também reforçam que “deve buscar despertar entre os brancos, a consciência negra, permitindo que identifiquem a enorme contribuição da cultura negra na sociedade brasileira”.

Acredito que as escolas deveriam estar mais atentas para o ensino das relações étnico-raciais e aprendizagens voltadas para a diversidade, visando construir uma sociedade consciente da necessidade de respeito para com o próximo. A autora Spricigo (2014, pág.05) ressalta que:

A escola tem o papel de oferecer momentos de oportunidades para que aconteça uma preparação entre os professores, que se torna importante tanto na construção inicial quanto na formação continuada para que saibam lidar com o tema da diversidade étnico-racial no ambiente escolar, proporcionando um diálogo mais aberto de socialização, desmistificando as discriminações que ocorre no ambiente escolar.

Nessa perspectiva refere-se ao despreparo de muitos professores, sobretudo, considerando que a temática precisa de maior aprofundamento nas formações iniciais e continuadas de professores.

Contudo, é necessário que haja uma conscientização de toda a equipe escolar, reconhecendo a importância de se debater sobre este assunto. A autora Gomes (2002, pag.41) afirma que “para sair dessa inércia em relação à questão racial na escola, é preciso assumir o compromisso pedagógico e social de superar o racismo, entendendo-o à luz da história e da realidade social e racial do nosso país”.

A autora destaca a importante contribuição de toda a equipe pedagógica como um ser motivador, reconhecendo as lutas dos principais personagens que compõem a verdadeira história do Brasil.

Gomes e Jesus (2013, pag. 32) ressaltam que:

O caráter emancipatório da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem contribuído para legitimar as práticas pedagógicas antirracistas já existentes, instiga a construção de novas práticas, explicita divergências, desvela imaginários racistas presentes no cotidiano escolar e traz novos desafios para a gestão dos sistemas de ensino, para as escolas, para os educadores, para a formação inicial e continuada de professores e para a política educacional.

Devido à obrigatoriedade do referido ensino, as questões que tratam do racismo vieram à tona, deixando de ser um preconceito silencioso, passando a serem

conhecidas socialmente, fazendo uma importante parte na integralização do convívio escolar.

Mas, apesar de todo esse envolvimento de compromisso pedagógico para o reconhecimento das relações étnico-raciais, o autor Defourny (2011, s/p) relata que:

O livre acesso e a fixação do negro em sala de aula não asseguram a diminuição das injustiças das relações étnico-raciais, pois se não houver uma modificação estrutural que faça parte dos sistemas educacionais, incluindo o respeito e a valorização, a sociedade continuará repetindo os mesmos preconceitos já existente na sociedade.

O autor deixa claro que não adianta escolas lotadas com a população negra, se não promoverem uma educação que defenda o respeito e a dignidade promovendo a cidadania entre as diferentes etnias existentes no ambiente escolar.

Conforme Muller e Coelho (2013, pag.36):

No processo de elaboração da LDB o Movimento Negro teve a sua participação limitada. A Senadora Benedita da Silva, como representante do Movimento Negro, defendia a inclusão na Lei, da obrigatoriedade em todos os níveis educacionais do ensino a inclusão curricular da “História das populações negras do Brasil”.

Segundo os referidos autores, a proposta foi rejeitada, porque acharam desnecessário que a temática possuísse uma base nacional específica. Mas mesmo com essas exclusões o movimento negro não desistia da luta que se pautava na constituição federal pelo revigoramento de uma educação antirracista.

Ainda segundo Muller e Coelho (2013, pag.36):

A partir do projeto de Lei nº. 259 de 1999, apresentado por Esher Grossi e Ben-Hur Ferreira, somente em 2003 deu-se a promulgação da Lei nº. 10.639. Esta Lei amplia os artigos 26 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LDB/ nº. 9304/96)

Sendo determinado que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§Os Conteúdos referentes à História e cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'.

2.2 Legislação, Currículo e Formação Docente.

Em 2003 foi sancionada a lei decreto de número 10.639/03, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas para uma educação das relações étnico-raciais. Onde, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004, pág.26):

É responsabilidade de todos cumprir o que determina a lei, ou seja não é um papel apenas do educador em sala de aula, havendo um maior envolvimento humanitário de todos os sistemas de ensino brasileiro, tendo como um ponto de partida, o parecer para que juntos com as diretrizes e resoluções tenham a função de articular para uma organização da educação nacional.

Nessa direção entendemos que a lei assegura o ensino das relações étnico-raciais, mas não depende apenas do professor, deve haver mais interesse da parte política pública, propondo incentivo em todos os setores da educação. A autora Macedo (2017, pag.392) ressalta que:

Muito embora essa ação seja realmente necessária para o sucesso da implementação de uma educação antirracista, precisamos pensar também nas/os profissionais que já estão atuando, que já são graduadas/os, e que em sua grande maioria não tiveram contato com essa temática durante sua formação. A partir de então se faz preciso pensar em educação complementar, continuada.

Mediante este pensamento da autora, é de suma importância dos órgãos superiores competentes se preocuparem também em oferecer capacitação para os professores que não tiveram no tempo de sua formação acadêmica, informações sobre esta temática.

Complementando a ideia a cima citada, Santos afirma que:

Apesar da lei ser sancionada, sendo obrigatório este ensino para os alunos do nível fundamental e médio, percebe-se muita dificuldade da sua implantação, pois os educadores não tiveram em sua formação acadêmica nenhuma influência com disciplinas específicas a tratar da história da África, como também infelizmente uma grande parcela dos livros didáticos de história não retratam a importância adequada da África, e assim os alunos só passam a conhecer o lado negativo da história.

Acontece que a lei determina que seja obrigatório, mas ainda falta muita informação e conhecimento sobre estas questões, pois muitos desconhecem este tipo de temática, por não haver muita mobilização para fomentar o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

O autor Dias (2012, pag. 666) também complementa em sua fala enfatizando que:

[...] mesmo com as legislações em vigor, sabemos que o tratamento pedagógico para a diversidade étnico-racial continua controverso e constitui-se num campo árido, no qual precisamos semear, regar, e cuidar cotidianamente para que as propostas possam produzir uma nova ação, “os bons frutos”.

A lei direciona o que deve ser feito, porém deve-se haver um empenho maior da equipe que representa as secretarias de educação, para realizar estratégias educativas pedagógicas mantendo ativo esse reconhecimento gerando respostas aos problemas.

Muitos apoios foram importantíssimos em favor do que a segura a lei. Devido às reivindicações históricas dos movimentos a população negra brasileira ganhou maior apoio governamental. Como ainda afirma o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, pág.11):

Políticas de restauração, irão oferecer benefícios para a população focada na educação dos negros, como também privilegio para educação escolar, reconhecendo a importância dos patrimônios afro-brasileiro e histórico cultural, oferecendo os conhecimentos a nível escolar, tendo a chance de ocupar com qualidade uma profissão.

Diante dessas políticas de reparações, percebe-se que o estudo das relações étnico-raciais deve ser notório para ser valorizado, pois para que as crianças aprendam e respeitem essas diversidades, as mesmas devem conhecer a fundo a verdadeira história, como também conscientizar as famílias deixando bastante claro a necessidade do estudo das relações étnico-raciais para a além da sala de aula.

Pinto (1985, pag.05) afirma que:

O currículo que foi concebido a diversidade étnica para a educação básica, teve início através de uma análise do guia curricular de estudo sociais com algumas sugestões, servindo de referências para livros, porém com pouco

entrosamento entre os professores. O guia mostra aos alunos uma variedade de grupos humanos que fazem parte do país brasileiro.

Compreende-se que o currículo foi um ponto de partida para o favorecimento do ensino da diversidade, identificando de uma forma geral a multivariada de povos étnicos existentes que formam a nação brasileira. Porém, Pinto (1985, pag.05) ainda destaca que “nenhum dos tópicos se propõe a esclarecer o significado de etnia, grupo étnico, nem a importância da cultura como fator intrínseco e determinante de diferentes visões de mundo”.

Deste modo compreende-se a importância da integralização no currículo referente ao ensino das relações raciais. Para Regis e Sengulane (2017, pag.172) “o currículo é uma construção e o contexto social, econômico, político e cultural que ele representa, ou deixa de retratar, deve ser o primeiro aspecto para analisá-lo e avaliá-lo”. Certamente o currículo é a base da estruturação de como será aplicado essas questões no ambiente escolar.

Em conformidade com os autores acima, Alves (2017, pag.13) afirma que “a compreensão de que o currículo da formação pode ir além daquilo que institucionalmente se denominava “disciplina”.

O currículo se torna prioridade para exemplificar e estruturar o que determina a lei, sendo um ponto de partida importantíssimo para o reconhecimento e a valorização da população negra brasileira.

Marques (2014, pag.16) ressalta que:

Desta maneira fica obvio a indispensabilidade de se analisar a estrutura curricular no período e as áreas escolares, analisando também a organização severa da escola se está apropriada para atender as necessidades da população negra, pois não podemos negar as exclusões nas escolas do nosso País.

No material didático tanto no ensino superior quanto na educação básica. Regis e Sengulane (2017, pag.176) afirmam que:

Desde o ano de 1950 que as ofensas distorcendo a história da cultura africana, estão inseridas nos livros didáticos com um discurso discriminatório e racista, mostrando o negro como a minoria vista pela sociedade, levando em consideração apenas a escravização e comentando sua pouca contribuição. Desta maneira é imprescindível uma mudança nos livros pedagógicos uma reeducação que valorize a diversidade étnico-racial.

Na mesma perspectiva a autora Coqueiro (sem ano, pág. 06) destaca que:

A história do Brasil, contada do ponto de vista europeu, destaca apenas heróis brancos, princesas beneméritas dotadas de compaixão e reis bem que libertam a pátria e resgatam seus cidadãos, porém, entre estes não inclui os outros povos (índios e negros) que aqui também estavam.

Nesse sentido fica evidente de como os negros eram vistos pela sociedade Europeia, pois os Europeus queriam ser privilegiados perante o seu País.

O professor tem um papel fundamental na formação do aluno para as questões da diversidade étnico-racial, mas deve estar preparado para encarar esta realidade de preconceitos visíveis nas salas de aula. A autora Coqueiro (sem ano, pag.18) destaca que:

Essa falta de preparo para lidar com as situações leva a não perceber quando se trata de uma atitude racista e preconceituosa ou ainda fazer a opção pelo silêncio promovendo condições para que o ambiente escolar seja um espaço impregnado de pensamentos racistas que se fundamentam na cristalização das imagens negativas, presentes no imaginário social, cuja criança negra é a mais atingida.

A referida autora explica que essa falta de autoconsciência, principalmente por parte dos professores, contribui para que esses participem da conspiração silenciosa que compromete as relações étnico-raciais dentro da escola e promova um resultado ainda mais grave que é de não perceber que existem racismo e preconceito racial no ambiente escolar. “[...]. Tal reconhecimento exige de nós educadores e educadoras uma postura política e pedagógica eticamente orientada” (SANTANA et al.2012, pag.9).

Com isso a escola também precisa ocupar o seu espaço se policiando e oferecendo sugestões para este estudo tão complexo e polemico de se trabalhar no ambiente escolar. Assim para a autora Spricigo (2014, s/p.):

A escola deve proporcionar situações e oportunidades para que seus professores estejam preparados para lidar com essa temática, oportunizando aos mesmos, estudos, reflexões, debates para estarem preparados para enfrentar situações nas quais a diferença assume cada vez mais relevância, onde ele possa lidar com todos esses aspectos, favorecendo interação e diálogo entre sujeitos e saberes diferenciados, desfazendo-se de preconceitos e estereótipos, até em relação aos educandos, pois uma educação inclusiva tem início a partir da própria ação docente.

Deste modo a escola tem o papel de oferecer momentos de oportunidades para que aconteça uma preparação entre os professores, que torna importante tanto na construção inicial quanto na formação continuada para que saibam lidar com o tema da diversidade étnico-racial no ambiente escolar, proporcionando um diálogo mais aberto de socialização, desmistificando as discriminações que ocorre no ambiente escolar.

Silva e Santiago (2015, pag.37) destacam que:

Disponibilizar subsídios e material didático, oferecer cursos de formação específica e acompanhamento sistemático, incluir esse debate em todos os momentos de planejamento e de estudo das professoras e professores, enfim, transformar o debate sobre relações étnico-raciais em rotina nos seus espaços de discussão parece-nos ser um caminho.

O ensino das relações étnico-racial deveria ser lembrado cotidianamente, de forma estruturada no planejamento mensal pedagógico, incluindo-se no plano de aula, e não apenas ser lembrado quando se estuda outros temas que relacionam os negros, ou seja, deve ser um estudo direcionado apenas ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

3. ESCOLA, PROFESSORAS E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: análise dos dados da pesquisa.

Partimos da proposta de analisar como está acontecendo o estudo da diversidade voltada para a Educação das relações étnico-raciais desenvolvidas nos anos iniciais do ensino fundamental em uma Escola Municipal, situada na cidade de Campina Grande/Paraíba, no bairro da Catingueira. Tivemos como sujeitos da pesquisa a equipe de professoras das turmas do 1º e 2º ano do turno da tarde.

3.1 Identificação das professoras pesquisadas

Os participantes de nossa pesquisa foram todas professoras da escola supracitada. Abaixo, organizamos em tabela alguns dados a fim de caracterizar o perfil dos docentes envolvidos na pesquisa.

PERFIL DAS PROFESSORAS E TURMAS PARTICIPANTES NA PESQUISA						
Nome fictício	Idade	Formação	Tempo de atuação na área	Tempo de trabalho na escola	Alunos por sala	Faixa etária dos alunos
P1	48	Especialização em educação infantil e ensino fundamental I.	30 anos	3 meses	27 alunos	8 a 12 anos
P2	43	Graduação em pedagogia.	22 anos	8 meses	26 alunos	6 e 7 anos
P3	36	Graduação em pedagogia.	19 anos	4 anos	30 alunos	6 a 15 anos
P4	47	Graduação em pedagogia.	25 anos	3 anos	28 alunos	8 a 15 anos

As respostas indicam que, em geral, as participantes possuem características similares, ressaltando a mesma faixa etária, a graduação em pedagogia e o fato de estarem na escola a menos de cinco anos.

O acesso à escola foi facilitado em virtude de minha atuação anterior na mesma. E quanto as professoras, todas aceitaram participar livremente da pesquisa. Para a coleta das análises estive na escola quatro dias, pois não tinha como entrevistar todas as professoras em uma única tarde.

3.2 Análise dos Dados

Iniciamos o questionário com a questão que envolve projetos desenvolvidos em uma escola municipal com o tema diversidade étnico-racial, que tem por objetivo identificar se as professoras pesquisadas já participaram destes tipos de culminância.

A questão 1 foi posta da seguinte maneira: você já participou de algum projeto envolvendo a diversidade étnico-racial? Se responder sim informe o objetivo do projeto.

As respostas das professoras participantes foram organizadas em tabelas para melhor visualização. Sendo elas:

P1- Sim, O projeto foi na amostra pedagógica em uma escola que trabalhei com o tema: cantando e dançando a cultura afrodescendente, no objetivo de conscientizar as crianças para a importância de aprender um pouco da cultura de outro país.
P2- Não, nunca participei de nenhum projeto envolvendo o ensino das relações étnico-raciais.
P3- Sim, cujo o tema era, ensinando o respeito as diferenças, com o objetivo de mostrar que todos têm seus valores e costumes e devem ser respeitados na intenção de uma convivência mais social e humanitária.
P4- Nunca.

Fonte: Dados da pesquisa - abril 2019

As respostas indicam que apenas duas professoras participantes da pesquisa já participaram de projetos envolvendo a diversidade, não necessariamente sendo desenvolvido pela escola em questão, isto evidencia que poucas conhecem a importância de ser trabalhado o tema que envolve as diversidades.

Segundo Veiga (1995, p.13, apud Ferrari,2011, p.161), “O projeto busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente [...]”.

O autor destaca a importância da realização de projetos referente a temática da diversidade étnico-racial pois é uma opção de aprendizagem e conhecimento, como também por ser um trabalho em equipe, ocasionando o envolvimento de vários integrantes em prol de um único objetivo.

Em seguida, buscamos especificamente, investigar se a escola desenvolve ou se ao longo dos anos já desenvolveu algum trabalho coletivo sobre a temática. As professoras responderam da seguinte maneira:

P1- Não sei dizer, pois comecei a trabalhar nesta escola agora em 2019, sendo assim ainda não tive acesso ao projeto político pedagógico da escola, pois segundo a orientadora educacional, o mesmo ainda está em construção.

P2- Não estou bem informada se possui, pois faz poucos meses que leciono nesta referida escola, mas pelo pouco tempo de vivencia ainda não ouvi falar em projetos desse tipo.

P3- Não, já faz quatro anos que ensino, e não participei de nenhum projeto que levasse à tona este tema da diversidade étnico-racial.

P4- Não.

Fonte: Dados da pesquisa –abril 2019

De acordo com as respostas acima, as professoras não fazem menção ao projeto de escola, como também não tiveram acesso ao documento de PPP da escola, pois segundo a orientadora educacional, o mesmo encontra-se em construção.

Segundo Ferrari (2011, pag.163):

A escola é um ambiente onde se encontram diferentes indivíduos, com experiências e histórias diversas e isso, muitas vezes, pode acarretar conflitos, mas, através da diversidade, a instituição pode optar pelo crescimento, propondo momentos de discussão e reflexão, visando à construção de um PPP coletivo.

Os dados apontam que a escola não trabalha a questão da diversidade étnico-racial mediante a elaboração de projetos. Neste sentido, salientamos a importância do PPP enquanto um instrumento de valorização e fortalecimento da igualdade racial na escola, além do fortalecimento de um currículo para a cidadania.

De acordo com Silva (s/a, pag.88):

Um currículo inspirado nessa concepção não se limitaria, pois, a ensinar a tolerância e o respeito, por mais desejável que isso possa parecer, mas insistiria, em vez disso numa análise dos processos pelos quais as diferenças são produzidas através de relações de assimetria e desigualdade. Num currículo multiculturalista crítico, a diferença mais do que tolerada ou respeitada colocada permanentemente em questão.

Ou seja, para tentar sanar aos poucos todos os preconceitos existentes, inclusive o de diversidade étnico-racial no espaço escolar, seria aconselhável trabalhar no currículo primeiramente as desigualdades que ocorrem por conta das diferenças.

Para Candau (2008, pág. 33) faz-se necessário:

Desvelar o caráter histórico e construído dos conhecimentos escolares e sua íntima relação com os contextos sociais em que são produzidos. Obriga-nos a repensar nossas escolhas, nossos modos de construir o currículo escolar e nossas categorias de análise da produção dos nossos alunos/as.

Procuramos investigar se as mesmas abordam em suas aulas as questões relacionadas ao ensino da diversidade étnico-racial, e de que maneira realizam esse trabalho.

P1- Sim, abordando temas como: igualdade perante a lei, liberdade de religião, e de ideias, raças e vida social.

P2- Sim, quando trabalhamos a cultura afro que as vezes está presente no planejamento pedagógico, ou quando recebemos a proposta de trabalharmos com os temas transversais.

P3- Sim, através de rodas de conversas, como também com leituras de paradidáticos e vários textos dos próprios livros utilizados na escola.

P4- Sim, sempre encontro espaços nas aulas de história e geografia dependendo do conteúdo abordado.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

As professoras afirmam que abordam o assunto da diversidade étnico-racial, de acordo com a proposta do planejamento pedagógico, apesar de não ser tão tratado sobre o assunto com frequência nas formações, mas que este tema está sempre presente nos livros, historinhas, como também em algumas datas comemorativas que tratam de diversidade cultural.

De acordo com Melo (2016, pag.05):

As formas de avaliação, os livros didáticos, os conteúdos, a metodologia e a prática pedagógica tem contribuído para que os estudantes negros no ensino básico tenham um autoconceito negativo e isso interfere nas mais diversas formas no seu desempenho na escola. Na escola, os currículos mantêm os negros à margem da História, como se fossem invisíveis e não tivessem contribuído para a formação política, social, cultural e econômica do Brasil.

Portanto, entendemos que as professoras estão diante do desafio de desconstruir determinadas visões estereotipadas e preconceituosas da história do negro na constituição da identidade cultural brasileira.

Segundo Ferreira (2008, pag.231):

O professor, enquanto prático-reflexivo constrói uma teoria própria, explicativa da sua prática, contribuindo para a sistematização de novos conhecimentos, um dos diferenciais da docência como profissão.

De acordo com esta ideia o autor reforça que o professor é um eterno aprendiz, onde deve estar se atualizando a cada dia para melhor atender as diversidades existentes no ambiente educacional de acordo com as necessidades da comunidade social escolar.

Andrade e Nascimento (2013, pag. 108418) acrescentam,

Aos educadores cabe, portanto, o estudo e a reflexão por meio do aperfeiçoamento da sua formação para lidar com as questões relativas à diversidade étnico-racial na escola, que se torna imprescindível à prática pedagógica, por corroborar para a ampliação de contribuições pertinentes à área em foco.

Macedo (2017, pag.387) também complementa a ideia do autor reforçando que:

Acredito, ainda, que uma atuação docente comprometida com a transformação pela educação e sensível às injustiças presentes no ambiente escolar, traz em si o poder de subverter tais cenários, possibilitando uma convivência mais prazerosa, digna e respeitosa entre as/os estudantes, tornando assim o processo de ensino-aprendizagem mais inclusivo e eficaz.

A reflexão é o primeiro passo para a conscientização, pois os alunos são os próprios protagonistas dessa história e precisam de estudos nessa área, até mesmo pelas as dúvidas e receios de falar sobre o assunto, sendo assim deve-se ser tratado para não ser interpretado de forma inadequada pelos os próprios estudantes.

De acordo com Tolentino et al. (2011, pag.4516):

Para atender as demandas da sociedade atual que se encontra cada vez mais interconectada e globalizada é necessário repensar e ressignificar o papel do professor e o seu fazer em sala de aula. Pois o sistema educativo privilegia a separação em vez de praticar a ligação.

É de fundamental importância a integralização dos professores para com os alunos, no intuito de aprender com as diferenças existentes em sala de aula e trazer para perto seu reconhecimento e sua valorização existente na sociedade, e com isso esclarecendo as dúvidas dos demais alunos.

Candau (2008, pág. 16) salienta que:

No momento atual, as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais de universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje.

Diante destas informações buscamos saber se os alunos debatem sobre as questões relacionadas à diversidade dentro da sala de aula.

P1- Às vezes.
P2- Sim, pois há sempre um espaço para os alunos colocarem suas questões e opinarem sobre os diversos temas abordados.
P3- Algumas vezes.
P4- Sim, mas este debate acontece de forma desagradável, através de apelidos e brincadeiras de mal gosto causando um certo tumulto na aula.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

De acordo com as professoras, os debates são sempre seguidos de preconceitos e acompanhadas de comparações e julgamentos.

Segundo Macedo (2017, pag.389):

As pessoas negras sempre foram alvo das mais diversas discriminações onde a sociedade, embasada por preconceitos, marginaliza e empurra para fora do núcleo social essa parcela da população que embora intitulada politicamente como minoria é a grande maioria da nação, somando um percentual de 51% de toda a população brasileira, o que equivale, aproximadamente, a 97 milhões de negras/os.

Ou seja, os próprios alunos apresentam insultos entre si, pelo fato de terem escutado informação desagradáveis a respeito da sua raça. Para Macedo essa população se torna a grande maioria.

De acordo com Candau (2008, pág. 21):

Para garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto afirma ser necessário garantir espaços próprios e específicos em que estas se possam expressar com liberdade, coletivamente. Somente assim os diferentes grupos sócios culturais poderão manter suas matrizes culturais de base.

Ou seja, a escola como um todo deve oferecer momentos oportunos para que os alunos debatam sobre este tema de maneira pacífica e conscientizadora, pois se o tema não é tratado na sala de aula de ambas as partes, com certeza quando é falado gera intolerâncias, acabando sendo mal interpretado.

Dando ênfase em investigar se os alunos debatem sobre o referido tema, é importante saber se as professoras já presenciaram algum tipo de preconceito racial entre os seus alunos ou termos pejorativos de racismo.

P1- Sim, várias vezes e sempre com brincadeiras.
P2- Não.
P3- Muitas vezes, pois a questão da educação doméstica é o grande vilão, onde são crianças de lares desestruturadas e precisam entender os valores com mais rigidez.
P4- Sim.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

Melo (2016, pag.05) ressalta mais uma vez que:

Os alunos negros são inferiorizados através de xingamentos, piadas e apelidos ligados às suas características físicas, atitudes consideradas muitas vezes como meras “brincadeiras”.

Silva (s/a, pag.86) reforça que “ deve-se tolerar e respeitar a diferença porque sob a aparente diferença há uma mesma humanidade”.

O autor salienta que apesar de cada diferença que existe entre nós, fazemos parte de uma mesma raça humana, ou seja, a diferença é apenas um traço físico que nos identifica e que ao mesmo tempo nos rotula inferiorizando por conta da cor da pele. Segundo Gomes (2003, pag.172) O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Devido esses debates e discursões de preconceitos detenhamos sondar quais seriam as possibilidades como professor (a) para realizar um projeto sobre diversidade étnico -racial com seus alunos.

P1- Em primeiro lugar tenho que analisar as condições sociais e raciais dos meus alunos, em seguida tenho que organizar trabalhos para combater o preconceito e o racismo, estudando a origem dos mesmos.

P2- Tenho possibilidades de abordar o assunto, mas não posso aprofundar muito devido a faixa etária dos alunos.

P3- Como professora, eu sempre começo primeiro envolvendo a família como ponto de partida, em seguida introduziria aos poucos falando sobre os valores para depois começarmos a seguir o que de fato seria a diversidade étnico-racial.

P4- Sem resposta.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

A partir dos dados, destacamos: para uma das professoras, o tema precisa partir de um diagnóstico da aula. No entanto, o preconceito racial é uma questão que deve ser enfrentada socialmente e sendo assim, necessário no ambiente escolar.

Santiago e Claudilene (2015, pag.20) justifica a fala da professora acima, enfatizando que:

A escola como uma instituição que reproduza estruturas da sociedade também reproduz o racismo, como ideologia e como prática de relações sociais que invisibiliza e imobiliza as pessoas, inferiorizando-as e desqualificando-as em função da sua raça ou cor. Entretanto, o debate sobre a questão étnico-racial no Brasil ainda é sinônimo de constrangimento e silenciamento.

Além disso, a compreensão de que a temática depende de faixa etária, prejudica a ideia de que a temática deve, conforme a legislação, ser tratada desde a educação infantil.

Melo (2016, pag.06) reforça:

Os investimentos na formação de docentes com abordagens das questões étnico-raciais é algo elementar, que precisa ser feito para transformar e interromper os processos discriminatórios que atuam como determinantes na trajetória escolar de insucesso de diversos alunos negros.

Ou seja, esta é uma temática que urge ser trabalhada nas formações iniciais, continuadas e no cotidiano das práticas pedagógicas. Para Andrade e Nascimento (2013, pag. 108418):

Para que ocorram mudanças acerca da diversidade étnico-racial na escola, os professores, bem como os demais envolvidos no processo educacional, precisam assumir uma postura voltada para o respeito e a aceitação das diferenças, uma vez que a educação também tem por finalidade oferecer ao indivíduo uma formação integral, pautada em princípios democráticos.

Primeiramente o professor deve ter em mente a aceitação do outro independente de suas diferenças, pois só assim o mesmo vai conseguir debater espontaneamente e fluente sobre o tema, até porque se o professor internaliza rejeições, fica difícil este contato de democracia entre os alunos, gerando um total silenciamento.

Diante destas considerações procuramos saber mais detalhadamente quais as maiores dificuldades que encontra na execução de trabalhos como este. Sendo elas:

P1- A falta de incentivo e ajuda das famílias no desenvolvimento das atividades dos alunos, e também o próprio desrespeito entre eles alunos, em abordar o tema racial.

P2- Não vejo dificuldades.

P3- As maiores dificuldades são na aceitação do outro, ou seja, de colegas dentro e fora da escola, pois relacionam o tema a questão de religiões, achando que a escola está ensinando a pratica da religião de matriz africana, por conta do tema, e assim dificultando o nosso trabalho de diversidade cultura.

P4- A escola é específica e decisiva aos trabalhos dessa temática.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

De acordo com a ideia de Moreira (2008, pag.46):

Para enfocar questões de identidade e diferenças na sala de aula, precisamos definir determinadas metas e estratégias intimamente conectadas, são comentadas separadamente apenas para facilitar o entendimento e para favorecer o desenvolvimento de nossas ações na escola.

Ratifica-se que, na visão das professoras, um dos elementos que dificultam o desenvolvimento da questão da diversidade étnico-racial na escola advém da

ausência do assunto no seio familiar. Além disso, destacamos a compreensão de que a temática só precisa ser abordada em virtude da obrigatoriedade da escola e de que o tema se relaciona com questões religiosas.

Guerriero (2003, pag.128). Ressalta:

Como será que podemos entender, de um lado, essa imensa diversidade e, de outro, o trânsito intenso entre as religiões e também a vivência concomitante em duas ou mais delas, fazendo parecer que se trata de uma mesma coisa, apenas diferentes nomes para uma mesma grande religião.

Por que quando se fala em cultura africana, para algumas crianças vem à mente de que estamos defendendo, a religião de matriz africana, a pesar de ser a religião do povo africano. Mas a religião deve ser tratada fora parte os assuntos da valorização e do reconhecimento da diversidade étnico-racial que é de fato o interesse da temática.

Também investigamos se a formação acadêmica do professor na universidade lhe ofereceu uma base teórica consistente para trabalhar com esse tema.

P1- Sim, esse tema era abordado no dia 20 de novembro, referente ao dia da consciência negra.
P2- Não.
P3- Sim, pois éramos incentivados a estar no lugar do outro para poder entender o que cada um passa com os tipos de preconceitos existentes.
P4- Nem tanto.

Fonte: Dados da pesquisa – abril 2019

Apenas duas professoras afirmaram não ter ouvido falar do tema diversidade étnico-racial em sua formação acadêmica, as demais relataram que virão mais ou menos, pois foi falado no geral sobre diversidade cultural, multiculturalismo, entre outros temas relacionados as diferenças e culturas. E uma delas afirmou ter ouvido falar sobre este tema apenas no dia 20 de novembro tratando sobre a consciência negra.

Segundo a autora Silva (2014, pag.155)

[...] A data 20 de novembro é referente ao aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, sendo um símbolo alusivo ao dia da consciência negra, criada com a intenção de contrapor ao 13 de maio, data em que é comemorada a

abolição da escravidão no calendário nacional, porém, amplamente criticada pelo Movimento Negro como uma data totalmente desprovida de representatividade em relação aos escravos.

Esta data foi uma grande conquista do movimento negro, pois se tinha apenas a data 13 de maio representando o fim da escravidão, mas não representava um impacto para a população negra que foi entregue à própria sorte, arraigados de preconceitos e sem estrutura para conviver na sociedade.

No entanto a professora que teve acesso a essas informações passou a conhecer a trajetória de lutas pela valorização no reconhecimento da miscigenação que deu origem a grande parte dos brasileiros.

De acordo com Pereira e Moraes (2014, pag.121):

O que se verifica é que, muitas vezes, não é nem questão de melhorar, pois ainda estamos a um passo atrás, ou seja, a questão é incluir! Não defendemos, porém, que a maneira como a diversidade é tratada tenha pouca importância. Pelo contrário, defendemos que precisa antes ser incluída na formação inicial de professores.

E mesmo que na formação acadêmica os professores não tiveram uma base sobre este tema, pesquisamos se na sua formação continuada receberam alguma orientação sobre a educação das relações étnico-raciais.

P1- Sim, através de palestras com pessoas convidadas para abordar o tema, como também através de materiais escritos com temas relacionados ao assunto.
P2- Não.
P3- Não.
P4- Sim, através de seminários e sequências didáticas.

Após comentarmos algumas questões, duas professoras responderam que nunca tiveram conhecimento sobre este tema em suas formações continuadas, apesar deste tema está inserido nas Diretrizes Curriculares Nacionais desde 2003 pouco ainda é debatido.

As outras duas responderam que já tiveram informações, através de formadores abordando o tema com materiais teóricos e práticos, oferecendo suporte em seus próprios materiais utilizados no dia a dia.

Diante das questões analisadas, percebemos conforme Guimarães e Paula (2014, pag. 437) que:

Nesse contexto, a formação continuada tem sido o *remédio receitado* para resolver o problema dos milhões de professores que não tiveram acesso a uma educação positiva para o tratamento das questões raciais e étnicas, para o reconhecimento e valorização da História e Cultura da África e afro-brasileira, e dos descendentes dos africanos e suas diásporas no cotidiano das escolas.

Mediante esta citação, os autores deixam bastante claro que uma alternativa para o aprofundamento da temática sobre relações étnico-raciais é a informação e o conhecimento através da formação docente para que esta temática seja mais valorizada e discutida pelos professores.

Santos (2011, pag.65) afirma que:

Mesmo que tais conteúdos venham comparecendo de forma mais sistemática em cursos de formação continuada, prevalece, entre os professores, o pouco acesso a tais conhecimentos, dificultando, assim, sua introdução como conteúdo curricular obrigatório.

Os professores deveriam ter mais acesso e portabilidade para as formações específicas, de acordo com o seu nível de ensino seja da educação infantil, até a educação básica, permitindo-lhe uma maior concentração e entendimento sobre a lei que rege a obrigatoriedade.

Guimarães e Paula (2004, pag.672) ressalta:

Por isso, as metodologias desenvolvidas nas formações devem proporcionar que o professor proceda a uma análise crítica da própria prática, estimulando uma atitude reflexiva sobre os acontecimentos de seu cotidiano escolar e os alicerçando aos conhecimentos essenciais para intervir na realidade concreta da instituição, sendo para isso necessário que ele reconheça o racismo institucional e estrutural da sociedade brasileira, rompendo com a ideologia do mito, o que pesquisas têm constatado que não é tarefa fácil, porque pede a quebra de paradigmas fortemente constituídos na sociedade brasileira.

Segundo Gomes (2003, pag.81):

O atual contexto de implementação da Lei 10.639 é um momento propício para a introdução no campo da formação de professores, quer seja inicial ou em serviço, de estudos e leituras sobre a relação corpo, cultura e identidade negra.

Analisando a citação vinculada a resposta das professoras, a questão, é que estes deslocamentos dos professores para as formações deveriam ter acontecido com mais rigor e determinação desde o surgimento da obrigatoriedade do ensino da cultura africana, pois se tivesse seguido esta linha de pensamento, muitos educadores hoje já teriam uma base preparatória, ou seja, uma bagagem de conhecimentos mais aprimorada, e não ficariam à mercê da insegurança de trabalhar o conteúdo.

Ainda de acordo com Pereira e Moraes (2014, pag.124) percebemos que “nesse sentido, a formação docente, tanto a inicial como a continuada, passa a ser um *lócus* prioritário para todos aqueles que queremos promover a inclusão destas questões na educação”.

Diante das perspectivas das professoras pesquisadas, considerando suas informações e conhecimentos sobre o ensino da diversidade étnico-racial, finalizo as suas reflexões acerca do tema abordado, complementando com uma citação muito valiosa, onde Freire apud Muller e Coelho (1996, pag.56) ressalta:

“Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem ‘águias’ e não apenas ‘galinhas’. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”.

A educação é a melhor maneira de alcançarmos a transformação das pessoas e do mundo, e o professor é a chave fundamental para estas descobertas e estratégias educativas pedagógicas, promovendo uma educação antirracista e igualitária, contribuindo no reconhecimento de formação da identidade social de cada indivíduo.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar de que forma as professoras trabalham a questão da diversidade étnico-racial em uma escola municipal na cidade de Campina Grande-PB, desenvolvida nos anos iniciais do ensino fundamental.

Através da feitura deste trabalho, verificou-se que as quatro professoras trabalham o ensino da diversidade étnico-racial de forma isolada na sala de aula, de acordo com as datas comemorativas que representam algo sobre a cultura africana, mas que não trata diretamente sobre o tema.

Destacamos, dentre os resultados obtidos, que a ausência da temática em sala de aula está relacionada com as suas formações iniciais e continuadas e com a necessidade de elaboração de projetos coletivos da escola em torno do tema. Vimos que as professoras entrevistadas até então não conheciam muito sobre o tema, e pelo o seu tempo de atuação na escola ainda não tinham participado destes projetos nessa escola atual.

Ressaltamos a ação do Instituto Alpargatas em parceria com a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Campina Grande-PB, a qual realiza projetos culturais, e este ano o projeto consiste em trabalhar a história da formação do povo brasileiro, através da cultura africana e dos povos indígenas. Vemos isto como uma oportunidade de valorização e estudo sobre o tema.

A fim de desenvolver o projeto, o instituto alpargatas lança o projeto de ensino cultura e capoeira na escola, com o objetivo de trabalhar as culturas das raízes africanas, onde os professores, coordenadores e gestores participaram de uma formação teórica sobre a história da África e da miscigenação no Brasil para que os professores transmitam aos seus alunos os conhecimentos adquiridos, e desenvolvam o estudo e atividades voltadas para a cultura africana. Ao final, as professoras farão uma amostra pedagógica que será realizada no mês de agosto do decorrente ano, trabalhando com as apresentações sobre a cultura, a música, a literatura, danças e comidas da cultura africana.

Nessa direção será possível os professores conhecerem melhor a temática, pois a formação foi totalmente direcionada para o ensino da história afro-brasileira, onde os professores terão a missão de trabalharem com os alunos os aspectos culturais envolvendo a cultura africana e a diversidade étnico-racial para exporem suas apresentações na amostra pedagógica.

Apesar da importância do projeto supracitado, entendemos a partir das análises até aqui desenvolvidas, que o estudo sobre a diversidade étnico-racial na escola precisa partir de um projeto de ensino, mediante a elaboração e desenvolvimento de políticas educacionais e curriculares.

Vemos a carência do conhecimento docente a respeito do tema. Embora se reconheça a importância de trabalhar o respeito racial na sala de aula, este ainda é um assunto permeado pelo tabu e pelo preconceito. A escola passa a ser um locus privilegiado para promover a cidadania e o respeito entre os alunos.

Ao longo do nosso trabalho, foi possível salientar a importância de conhecermos a cultura de um povo que trouxe o seu trabalho como principal contribuição para a formação histórica, econômica e cultural do nosso País.

5.0 REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda Guimaraes. **Formação de docentes e currículos para além da resistência.** Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 71 e 227147 p. 13 201.

BRASIL. **HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFROBRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**- Brasília, Ministério da Educação Representação da UNESCO no Brasil. Universidade Federal de São Carlos, 2014.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-PLURALIDADE CULTURAL.** Secretaria de Educação Fundamental, p.137. Sem ano.

BRASIL. **DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRIACANA.** Brasília | DF | outubro | 2004.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **Educação das relações étnico-raciais: desnaturalizando o racismo na escola para além dela.** Sem ano.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.Ibid., p.16, Ibid., p.21, Ibid.,p.33.

DEFOURNY, Vincent. **Diversidade étnico-racial na educação básica.** **CORREIOBRAZILIENSE** • Brasília, sábado, 19 de novembro de 2011 • Opinião • 23.

DIAS, Rosa Lucimar. **Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez.p.666 .2012.

Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: setembro 2008.

FERRARI, Greicimara Vogt. **A Importância do coletivo na construção do projeto político pedagógico da instituição escolar.** PERSPECTIVA, Erechim. v.35, n.132, p.159-170, ibid., p.161.ibid., p.163.dezembro/2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **4º edição Revista Ampliada do Minidicionário.** Editora Nova Fronteira. P.483.2001.

FERREIRA, Cléa Maria da Silva. **Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: nova tendência, novos desafios para uma prática reflexiva.** Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo editora Atlas S.A- 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação Revista Brasileira de Educação 2003 p. 81, *ibid.*, p.172.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Aletria 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro no Brasil: Ausências, emergências e a produção dos saberes**. *Ibid.*, p. 138, Volume 10 –Nº18 –abril de 2011.

GUERRIERO, Silas. **A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era**. Revista Eletrônica Correlatio n. 3 – pág. 128.abril de 2003. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1806/1791>

Instituto Alpargatas. **Educação pela a cultura**. P. 18. Sem ano.

JESUS, Rodrigo Ednilson; GOMES Nilma Lino. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional indagações para a pesquisa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 19-33, jan. /mar.P.32. 2013. Editora UFPR.

MACEDO, Aldenora. **Negar, silenciar, apagar: A gestão escolar frente a educação antirracista**. Revista da ABPN • v. 9, n. 22 • mar – jun. 2017, p.385-408. *ibid.*,p.387.*ibid.*,p.389.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**- p. 202. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira Marques. **A pluralidade cultural e a proposta pedagógica na escola- um estudo comparativo entre as propostas pedagógicas de uma escola de periferia e uma escola de remanescentes de quilombos**. Universidade católica Dom Bosco Campo Grande p.78. 2004.

MELO, Thiago da Silva. **Formação docente na diversidade étnico-racial**. Caderno Inter saberes | vol. 5, n.6, p.8-25| jan. Dez. | 2016| ISSN 2317 – 692x.

MOEHLECKE, Sabrina. **Ações afirmativas: História e debates no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p.197-217, p.198.novembro/ 2002.

MORAES, Emília Murta; PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **Formação docente e diversidade cultural: complexidade, polissemia e consciência política**. Roteiro, Joaçaba, Edição Especial, p. 124. 2014.

MOREIRA. Antônio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, pág. 46.2008.

MÜLLER, Tânia Mara Pedros; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A lei NASCIMENTO SOUZA, Jaíse; ANDRADE Paiva, Tatiana Rachel. **Formação docente: um olhar para a universidade étnico-racial na escola**. Pontificia universidade católica do Paraná. Curitiba, 23 a 26/09 2013.

no. 10.639/03 e a formação de professores: trajetória e perspectivas. Revista da ABPN • v. 5, n. 11 • jul. – Out. 2013.lbid.,p.36,lbid.,p.36.

PAULA, Benjamin Xavier; GUIMARAES, Selva. **10 anos da lei federal nº 10.639/2003 e a formação de professores: uma leitura de pesquisas científicas**. Educ. Pesquisa. São Paulo, v. 40, n. 2, p. 435-448, p.437.lbid., p.672. abr./jun. 2014.

PINTO, Regina Pahim. **A escola e a questão da pluralidade étnica**. Da fundação Carlos Chagas.Cad.pesq. São Paulo. 1985.

REGIS, Kátia Evangelista; SENGULANE, Hipólito F.M.S. **A lei nº 10.639/2003 no Brasil e o plano curricular do ensino básico (2003) em Moçambique: políticas públicas com intencionalidades de inserção da diversidade nos currículos escolares**. Revista da ABPN • v. 9, n. 23 • jul. – out 2017.

ROCHA, Solange; SILVA, José Antônio Novais. **À luz da lei 10.639/03, avanços e desafios: movimentos sociais negros, legislação educacional e experiências pedagógicas**. Revista da ABPN • v. 5, n. 11 • jul. – out. 2013.

ROSA, Barbara Silva. **A influência dos fóruns de educação e diversidade étnico-racial na implantação da política de promoção da igualdade racial**. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade Programa de Pós-Graduação em Administração Mestrado Profissional em Administração Pública p.34, Brasília 2012.

SANTANA, et al. **Currículo, diversidade étnico-racial e interculturalidade: algumas proposições**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queiros, ISSN 2179-9636, Ano 2, número 6, p. 09 junho de 2012.

SANTOS, Joceli Domanski Gomes. **A lei 10.639/03 e a importância de sua implementação na educação básica.** Sem ano.

SANTOS, Lorene. **Ensino de História e a Lei 10.639/03: diálogos entre campos de conhecimento, diretrizes curriculares e os desafios da prática.** Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 17, 2º p. 65. sem. 2011.

SILVA Claudilene Maria; SANTIAGO Maria Eliete. **Trabalho docente e construção de identidades: condições, possibilidades e limites do trabalho sobre relações étnico/raciais no espaço escolar.** P. 37,ibid.,p.20. 2015.

SILVA, et al. **Educação das relações étnico-raciais: os desafios para a implementação da lei 10.639/03 na rede municipal do Recife.** Sem ano.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução as teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autentica,1999.

SILVA, Vanessa Cristina. **O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES.** Bilros, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 155. Jul.-dez. 2014.

SPRICIGO, Gislaine Maximino de Lima. **Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE.** Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3 Cadernos PDE. 2014.

TOLENTINO, et al. **A diversidade de formação docente e a pratica pedagógica universitária aliada ao paradigma da complexidade.** Pontifica Universidade Católica do Paraná. 2011.

6.0 APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

Questionário

Prezado (a) Professor (a),

Gostaria de contar com sua valiosa colaboração, respondendo a este questionário como parte de uma pesquisa sobre a diversidade étnico-racial e a percepção dos professores sobre esse tema. Por favor, responda com sinceridade e não deixe nenhuma pergunta sem resposta. Não há respostas certas ou erradas e esteja tranquilo, pois sua identidade será preservada.

Desde já agradeço,

Kallyane Bernardino de Freitas

Concluinte do Curso de Pedagogia - UFPB

1 Identificação:**1.1 Professor:**

Efetivo () Prestador de Serviço ()

1.2 Sexo:

Masculino () Feminino ()

1.3 Idade _____ anos**1.3 Escolaridade:**

Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado ()

Especifique:

1.4 Tempos de atuação nessa área _____

1.5 Tempos de trabalho nessa escola _____

2 Contexto escolar

2.1 Carga horária por turma nessa escola _____

2.2 Quantidade aproximada de alunos por turma _____

2.3 Faixa etária de alunos das turmas em que trabalha

3 Questões Pedagógicas

3.1. Você já participou de algum projeto envolvendo a diversidade étnico-racial? Se responder sim informe o objetivo do projeto.

3.2. Esta escola desenvolve algum projeto sobre a importância do ensino das relações étnico-raciais? Justifique.

3.3. Você aborda em suas aulas as questões relacionadas ao ensino da diversidade étnico-racial? Como?

3.4. Os alunos debatem acerca de questões relacionadas a diversidade dentro da sala de aula?

4. Auto avaliação:

4.1. Você já presenciou algum tipo de preconceito racial entre os seus alunos ou termos pejorativos de racismo?

4.2 Como você avalia as suas possibilidades como professor (a) para realizar um projeto sobre diversidade étnico -racial com seus alunos?

4.3. Quais as maiores dificuldades que encontra na execução de trabalhos como este?

4.4 A sua formação acadêmica lhe ofereceu uma base teórica consistente para trabalhar com esse tema? Justifique.

4.5. Na formação continuada você recebeu alguma orientação sobre a educação das relações étnico-raciais? Justifique.

